

PROFESSOR PESQUISADOR - PARA TORNAR-SE UM DELES -

Maria Francisca Carneiro *

*Para minha filha Maria Fernanda
Loureiro, professora pesquisadora.*

Sumário: Apresentação. 1 Professor Pesquisador. 2 Escolher um tema de pesquisa. 3 Características do projeto de pesquisa. 4 Organizando as idéias. 5 Lembretes sobre a leitura. 6 Lembretes sobre a redação. 7 A inter, a multi e a transdisciplinaridade. 8 Contra ou a favor do método? Referências. Anexo.

APRESENTAÇÃO



Este pequeno ensaio foi escrito com simplicidade. Destina-se aos professores iniciantes, que almejam se tornar também pesquisadores, alcançando assim a função de professores pesquisadores. Em certos casos, tal posição é exigida em lei, conforme as características da contratação do docente.

A linguagem que utilizamos é clara, fácil e acessível. Neste trabalho, não apresentamos modelos ou normas técnicas, pois tencionamos apenas comentar as etapas que devem existir

* Doutora em Direito pela UFPR, Pós-Doutora em Filosofia pela Universidade de Lisboa, Mestre em Educação pela PUC/PR, Bacharel em Filosofia pela UFPR, advogada (licenciada), Professora na UFPR, Corresponding Fellow status with the Faculty of Law, Governance and International Relations at London Metropolitan University (UK), Membro do Centro de Letras do Paraná, da Italian Society for Law and Literature, do Conselho Editorial de Núria Fabris Editora, da Revista Collatio (USP/FDUPorto/Portugal), da Revista Justiça do Direito (UPF), Editorial Board Member / Reviewer of the International Journal for Law, Language & Discourse (China) e do Scientific & Academic Publishing (USA). Autora de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior.

na pesquisa, para que o professor saiba exatamente por onde começar, o que fazer e como fazer para realizar uma investigação científica.

1 PROFESSOR PESQUISADOR

A noção de “professor pesquisador” é relativamente nova no cenário mundial, tendo se consolidado, com efeito, por volta de 1999, nos Estados Unidos e, logo a seguir, em diversos outros países, inclusive no Brasil.

O argumento que enfatiza a necessidade de se formar professores pesquisadores é a busca por um docente inquiridor, questionador, investigador, reflexivo e crítico, capaz de refletir sobre a realidade com a qual se defronta, tanto na sua atividade de magistério como também na sociedade em geral. A idéia de professor pesquisador coloca o docente como ator na cena pedagógica, e não mais como mero reproduzidor do conhecimento.

Antigamente, ao professor incumbia apenas a tarefa de ensinar, ou seja, de transmitir o conhecimento pronto e existente. Por outro lado, ao pesquisador, incumbia o desiderato de investigar, inovar, inventar e descobrir. Ora, tais conceitos foram completamente alterados e renovados com a chegada e com a implantação da idéia de professor pesquisador, que reúne, a um só tempo, as atividades de ensinar e de investigar variados assuntos, mormente os que se relacionam ao cenário educacional, que é parte da sua realidade.

No entanto, o assunto não é pacífico e vem confrontando opiniões, como também gerando várias controvérsias, a começar pelo acúmulo de funções e pela sobrecarga de afazeres acarretada ao docente, com o encargo de ser professor pesquisador; em não mais somente professor. Além de preparar aulas, lecionar, fazer avaliações, etc., agora incumbe-lhe também pesquisar, o que demanda tempo, denodo e aplicação.

Além disso, discute-se a falta de articulação entre o ensi-

no e a pesquisa, nas universidades. A noção de pesquisa científica surge na década de trinta e se consolida com a criação dos cursos de pós-graduação, nos quais a ênfase recai cada vez mais sobre a pesquisa. Possivelmente, é o próprio modo pelo qual as universidades se organizam que ocasiona a falta de articulação entre o ensino e a pesquisa, que não costumam ocorrer *pari passu*. O que acontece, de um modo geral, é que as universidades acabam somente dando valor à pesquisa em virtude dos investimentos, tanto públicos como privados; e os docentes, à posição de prestígio que ser pesquisador lhes proporciona.

Vejam, a seguir, a opinião de alguns autores sobre o tema:¹

- Foster: Defende a idéia de que mesmo os professores motivados encontram dificuldades em conduzir pesquisas de bom nível, pois, para ele, pesquisar e ensinar são atividades distintas, que dependem de diferentes tipos de conhecimento, habilidades de disposições;

- Stenhouse e Donald Schon: Sustentam a idéia de que a pesquisa é um elemento essencial no trabalho docente e, sendo assim, os cursos de formação docente devem preparar os professores para essa prática;

- Cochram e Lytle: Segundo as autoras, a pesquisa é de fundamental importância para a formação e desenvolvimento do professor, bem como para o desenvolvimento de teorias e projetos referentes à Educação;

- Zeichner: Para esse autor, há uma dupla necessidade na relação ensino e pesquisa, pois os alunos-mestres atual como consumidores críticos das pesquisas produzidas no campo educacional e também como participantes dos projetos de pesquisa;

- Perrenoud: Afirma que os benefícios da pesquisa para a

¹ ANDRÉ, Marli (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2006.

formação docente estão relacionados ao tipo e à finalidade da pesquisa desenvolvida;

- Huberman: Defende a realização de um trabalho conjunto entre professores e pesquisadores;

- Magda Soares: Entende que a importância da pesquisa não se resume apenas ao fato de o professor adquirir conhecimento mas, sobretudo, aprender novos processos de produção do conhecimento.

Pode-se considerar que, nas universidades, ou a pesquisa é científica ou não é pesquisa. A pesquisa, assim sendo, considerada sinônimo de investigação científica, pode ser entendida como:² i) uma produção de conhecimentos novos; ii) uma produção rigorosa de encaminhamento; iii) uma comunicação de resultados; iv) introdução de uma dimensão crítica de reflexão; v) coleta de dados; vi) elaboração de problemas e interpretação de resultados.

Quanto às finalidades da pesquisa, existem aquelas que produzem conhecimentos novos e as que transformam ações em práticas.³ Fato é que não se pode ser científico sozinho; e um trabalho não é científico apenas porque seu autor assim o proclama, mas porque a comunidade acadêmica assim o reconhece.

Há diferentes tipos de pesquisa, em variadas perspectivas, por exemplo:⁴

- Perspectiva acadêmica: focaliza a formação do especialista em uma ou mais disciplinas, tendo como objetivo o domínio do conteúdo a ser ensinado;

- Perspectiva da racionalidade técnica: forma o técnico capaz de agir de acordo com as regras ou técnicas, tendo como objetivo o conhecimento científico;

- Perspectiva prática: fundamenta a formação do profes-

² *Idem, ibidem.*

³ *Idem, ibidem.*

⁴ *Idem, ibidem.*

ador com e para a prática, tendo como objetivo um saber experiencial e criativo;

- Perspectiva da reconstrução social: propõe a formação do professor para tratar o ensino como atividade crítica, tendo como objetivo os princípios éticos, democráticos e favoráveis à justiça social;

Já a pesquisa-ação, concebida por Kurt Lewin, argumenta que as pesquisas de natureza educacional devem produzir mudanças na realidade, de acordo com o modo como forem conduzidas.⁵

Para Vicente Fidelis da Ávila, “a pesquisa não é mito nem rito”.⁶ Diz o referido autor que, para entrar no seu mundo, basta que o professor ou o aluno se equipe de: i) hábito e cultivo da curiosidade; ii) disponibilidade para fundamentação e aprendizado permanentes; iii) exercício de capacidade dinamizador-criadora; iv) intenção de aprendizado cumulativo, pela conquista da paciência estratégica de se começar pelo começo ou de se preparar e ensaiar para produções sofisticadas a partir das mais simples e fáceis; v) gosto pelo desenvolvimento das habilidades de prospecção, programação, acuidade e controle de observações; e vi) condições mínimas de formulação de análises descritivo-interpretativas, principalmente por escrito.⁷

Podemos conceituar a pesquisa como a investigação racional rigorosa, controlada e metódica, visando produção de conhecimento. É o nosso entendimento a respeito do assunto.

Enfim, a discussão coloca a pesquisa como instrumento de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, valoriza o papel da ciência e da pesquisa na formação do professor. A pesquisa científica faz com que o professor não seja apenas reprodutor e consumidor do conhecimento, mas também produtor.

⁵ *Idem, ibidem.*

⁶ ÁVILA, Vicente Fidelis de. *A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da universidade* – ensaio de curso para estudantes, professores e outros profissionais. Campo Grande: Editora da UFMS, 1995, p. 16.

⁷ *Idem, ibidem.*

Na atualidade, as universidades têm cada vez mais a função de facilitar aos docentes e aos alunos o acesso ao conhecimento, para a sua iniciação e prática progressiva, tornando factuais as propostas teóricas e intelectuais.

Vejam, a seguir, quais os passos que podem ser seguidos pelo professor que almeja tornar-se professor pesquisador.

2 ESCOLHER UM TEMA DE PESQUISA

O primeiro passo que se deve dar, diante do desafio de realizar pesquisa, é escolher um tema. Mas essa escolha não deve ser casual, tampouco aleatória; e sim deve atender a alguns critérios elementares, que em muito contribuirão para o sucesso da empreitada.

Para o eminente professor pesquisador Eduardo de Oliveira Leite, os critérios para a escolha do tema de pesquisa podem ser:⁸

- **Vocação:** é o primeiro critério a ser considerado pelo pesquisador. Não se relaciona à facilidade nem à simplicidade do tema, e sim à inclinação natural e irresistível do espírito, para uma determinada realidade;

- **Qualificação:** refere-se à competência específica do pesquisador para uma determinada área do conhecimento ou à sua profissão, bem como às suas aptidões específicas;

- **Objetivo profissional:** Atualmente, não é conveniente cogitar-se de desenvolver uma pesquisa que não tenha reflexos positivos, diretos ou indiretos, na profissão do pesquisador e de sua carreira. Ainda que este tópico não seja obrigatório, é de todo interessante e prático.

A escolha do tema diz respeito à formulação do objeto da pesquisa e, portanto, constitui a sua base. A definição do tema e do seu objeto devem tornar clara a importância da escolha e o

⁸ LEITE, Eduardo de Oliveira. *A monografia jurídica*. 5ª. Ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001, p. 101-4.

por que da realização da investigação, demonstrando a sua relevância social. Deve-se, em primeiro lugar, informar qual é o objetivo da pesquisa e o que ela visa, a que ela se propõe.

No início, a definição do objeto da pesquisa e a delimitação do tema são muito gerais, mas aos poucos, vão tomando contornos definidos. Para isto, temos que explicitar o raciocínio que leva a definir a questão a ser estudada e quais suas variações.

Quando se tentar formular de maneira clara o objeto da pesquisa, o pesquisador deve estar consciente das diferenças que existem entre os conhecimentos que um responsável pode desejar e, por outro lado, do que constitui um objeto da pesquisa.⁹ A formulação da questão a ser estudada incluirá o problema que se quer analisar, como também uma apresentação sumária das teorias já existentes sobre o assunto.

3 CARACTERÍSTICAS DO PROJETO DE PESQUISA

Em primeiro lugar, é importante deixar claro que não existe modelo rígido ou formato obrigatório para o projeto de pesquisa. A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – não determina quais devem os itens obrigatórios que devem contar no projeto. O que acontece, geralmente, é que as instituições ou universidades elaboram os modelos com os tópicos e as normas que julgam necessários, devendo então o pesquisador ficar atento a isto.

Deve-se começar por fazer um pré-projeto, que é o mesmo que ante-projeto, ou seja, é um esboço preliminar e simplificado do projeto a ser desenvolvido posteriormente.

Um pré-projeto e, por conseguinte, um projeto, deve basicamente responder às seguintes perguntas:

⁹ CONTANDRIOPOULOS, André-Pierre; CHAMPAGNE, François; POTVIN, Louise *et al.* *Saber preparar uma pesquisa* – definição, estrutura, financiamento. (Trad. De Sílvia Ribeiro de Souza), São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Hucitec / Abrasco, 1994, p. 23.

- O que é? (descrição do tema escolhido para a pesquisa);
- Por que fazer? (justificativa da pesquisa);
- Para que serve? (objetivos da pesquisa, sendo alguns gerais e outros específicos);
- O que já se sabe sobre o tema? (revisão de literatura e marcos teóricos);
- A quem se destina? (público alvo).

A pesquisa, como atividade racional e sistemática, deve ser planejada. Por essa razão é que se deve fazer um projeto. A atual noção de planejamento, fundamentada na Teoria Geral dos Sistemas, envolve quatro elementos necessários à sua compreensão, quais sejam: processo, eficiência, prazos e metas.¹⁰

Embora um projeto de pesquisa diga respeito, principalmente, às tarefas acadêmicas, deve considerar, também, as questões administrativas de uma pesquisa, como por exemplo, a elaboração de um cronograma de atividades, que é a distribuição no tempo do que se vai fazer; os recursos financeiros; os materiais necessários ao trabalho a ser realizado, etc.

Um projeto diz respeito a algo futuro, portanto, sempre tem o caráter de provisoriedade e de uma razoável incerteza. Em um projeto, nem tudo é definitivo. Desse modo, pode-se alterar o projeto, fazendo as modificações necessárias à viabilidade da pesquisa. No entanto, na medida do possível, o projeto deve prever o máximo possível das situações que envolverão a investigação científica.

Por que é importante fazer um projeto para a pesquisa? Um principiante poderia imaginar que a elaboração do projeto é perda de tempo e que seria melhor lançar-se diretamente à pesquisa definitiva.¹¹ No entanto, isto seria lançar-se à improvisação, o que tornará o trabalho confuso e gerará insegurança

¹⁰ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª. Ed., São Paulo: Atlas, 1996, p. 21.

¹¹ RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 12ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 1978, p. 45.

do investigador e dos resultados da investigação.

Aquele que se inicia no aprendizado e treinamento da pesquisa científica deverá apoiar-se, num primeiro momento, na pesquisa de mais fácil condução para a coleta dos dados, sua mensuração e interpretação.¹²

Todo projeto de pesquisa é um esquema de coleta de dados, objetivos da investigação e formulação do problema a ser enfrentado, bem como da justificativa de sua realização.

Aconselha-se iniciar a elaboração do projeto de pesquisa após a escolha do tema e após formulação do problema, o que auxiliará a delimitar o campo de estudos. Para tanto, um estudo exploratório deverá ser efetivado, por meio da observação assistemática da realidade e dos dados.

4 ORGANIZANDO AS IDÉIAS

O desenvolvimento de uma pesquisa é uma atividade que diz respeito ao funcionamento da inteligência, à organização das idéias e também à própria organização do tempo do professor pesquisador, disciplinando-se para tanto.

Não basta descobrir o tempo; é necessário também saber utilizá-lo e programá-lo.¹³ Só assim será possível tornar o tempo produtivo. Quanto menos tempo tivermos ao nosso dispor, mais motivados e entusiasmados deveremos estar, para aproveitá-lo ao máximo. Além do tempo, é preciso também considerar a questão dos materiais necessários à pesquisa e a questão do ambiente propício e adequado aos estudos. Esses são alguns dos aspectos materiais que envolvem a atividade do pesquisador.

Passemos agora à temática da organização das idéias, examinando, primeiramente, como poderemos treinar e melho-

¹² BARROS, Aidil de Jesus; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1991, p. 20.

¹³ RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica – guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1982, p. 22 *et passim*.

rar algumas funções da inteligência, necessárias e imprescindíveis ao estudo e à pesquisa, que são a atenção, a memória e a organização das idéias. Vejamos:¹⁴

- Atenção: A grande sobrecarga de informações e tarefas variadas, que fazem parte do cotidiano moderno, ocasiona o fenômeno psíquico denominado “dispersão das ideias”, que é o oposto da atenção e da concentração. A dispersão não é a simples distração, mas sim o foco da atenção voltado para diversos objetos, ao mesmo tempo. A turbulência ambiental causa um grande dispêndio de energias, que ocasiona, dentre outros problemas – como, por exemplo, o *stress* físico e mental – o desvio da função intelectual da atenção. Para recuperar e desenvolver ainda mais a referida função, devemos treinar a concentração, fixando a atenção em um determinado objeto; a intermitência, alternando o foco da atenção entre um objeto e outro; e o interesse, cabendo a cada indivíduo desenvolver o seu interesse e o gosto por um objeto de estudo. Por essa razão, é de fundamental importância a escolha do tema de pesquisa, conforme já foi dito anteriormente, em um tópico precedente deste ensaio.

Quanto à memória, cabe registrar que seu oposto é o esquecimento, de grande significado e riqueza para a Psicanálise, mas de repercussão nefasta e deletéria para o estudo e para a pesquisa. Primeiramente, é necessário levar em conta que a mente humana, em especial a consciência, é impossibilitada de reter todos os fatos e todas as informações que adquire ao longo da vida. Se tal ocorresse, a pessoa enlouqueceria. Portanto, é normal esquecer-se de algumas coisas. O problema se dá quando isso se relaciona ao estudo e à pesquisa. Existem vários tipos de memória, como por exemplo, visual, auditiva, motora, afetiva, locomotiva e nominativa.¹⁵ Para desenvolver esses

¹⁴ BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. *Introdução à metodologia científica*. 8ª, Ed., Petrópolis: Vozes, 1996, p. 19-32.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

tipos de memória, pode-se utilizar recursos como a repetição, a atenção, a emoção e sobretudo o interesse. Na área da Psicologia, existem diversos exercícios que podem ajudar nesse mister.

Associação de idéias: consiste na capacidade do indivíduo de relacionar fatos, conceitos e idéias entre si. Alguns a possuem em maior e outros em menos grau. Pode-se desenvolver a capacidade de associação de idéias por meio da observação dos contrastes, das semelhanças e das relações de causa e efeito entre os objetos.

Mas como o professor pesquisador poderá organizar todas as idéias, teorias e conceitos com os quais trabalha em sua pesquisa? Os modos poderão ser os mais diversos e variados, cabendo a cada um eleger o seu próprio estilo de organização. Todavia, à guisa de sugestão, indicamos que, primeiramente, o professor pesquisador faça a abstração¹⁶ de tudo o que leu e pesquisou. Em seguida, verifique as definições desses conceitos e teorias. O próximo passo é a comparação entre todos esses objetos, classificando-os e analisando-os primeiro individualmente, para logo após relacioná-los entre si. Por fim, é necessário elaborar uma síntese ou conclusão.

Por derradeiro, é importante deixar claro que, na organização das idéias da pesquisa, nem tudo se resume às regras e aos passos lógicos, mas é necessário deixar sempre um espaço para a criatividade, sobretudo presentes nos juízos morais da história, nos juízos críticos da arte, nos juízos morais práticos e na ficção.¹⁷

5 LEMBRETES SOBRE A LEITURA

¹⁶ HERRERA, Enrique. *Práctica metodológica de la investigación jurídica*. Buenos Aires: Editorial Astrea, 1998, p. 210-16.

¹⁷ COHEN, Morris; NAGEL, Ernst. *Introducción a La lógica y al método científico*. (Trad. De Néstor Míguez). 4ª. Ed., Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977, p. 187-204.

Paulo Freire já ressaltava a importância do ato de ler, afirmando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.¹⁸

Existem técnicas para tornar a leitura mais veloz e proveitosa, por exemplo, o treinamento da técnica de leitura oral; evitar movimentos labiais durante a leitura, bem como os movimentos da cabeça e evitar o percurso dos dedos nas linhas, dentre outros aspectos, como as condições físicas e psíquicas do leitor.¹⁹ Enfim, há várias maneiras de se aperfeiçoar a técnica e o aproveitamento da leitura, para que ela seja eficiente.

O bom leitor capta conjuntos de idéias e a estrutura dos textos. Sabe distinguir entre textos técnicos e recreativos, compreendendo que a velocidade para lê-los é diferente uma da outra. O bom leitor sabe que sublinhar apenas não é realmente importante; pois o que releva é fixar as ideias principais do texto, seja anotando-as ou grifando, se for o caso. O bom leitor deve ser seletivo, entendendo que, em um texto, nem tudo tem a mesma importância para a sua investigação.

É preciso fazer leituras variadas, em diferentes assuntos, para ampliar a visão de mundo, o vocabulário e a cultura geral. É necessário fazer resumos e esquemas dos livros e das idéias neles contidas, bem como os fichários de leituras, para reter os conhecimentos e fixá-los na memória.

Podemos ler com distintas finalidades: para nos formar, para nos distrair ou para recolher informações. Em virtude dessas finalidades, pode-se classificar a leitura em três tipos, que são i) leitura formativa; ii) leitura de distração e iii) leitura informativa,²⁰ sendo que esta última, feita com vistas à coleta de

¹⁸ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* – em três artigos que se completam. 35ª. ed., São Paulo: Cortez, 1997, p. 11.

¹⁹ SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 48 *et passim*.

²⁰ CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica* – para uso dos estudantes universitários. 3ª. ed., São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983, p. 85.

dados para a investigação científica, é a que mais interessa ao professor pesquisador, na sua atividade.

Um leitor crítico deve determinar objetivos a serem alcançados pela leitura da obra. Por isso, os esquemas e resumos são fundamentais.

Há ainda diferentes níveis de leitura, de acordo com a sua profundidade: i) leitura elementar, básica e inicial, apenas para tomar contato com a obra; ii) leitura inspeccional, que demanda mais tempo e se caracteriza por folhear todo o livro; e iii) leitura minuciosa, completa e em elevado grau de profundidade.²¹

Porém, não basta apenas ler e resumir. É preciso também problematizar e interpretar o texto lido.

6 LEMBRETES SOBRE A REDAÇÃO

A linguagem científica deve ser técnica, acadêmica e didática, ou seja, visa a transmitir conhecimentos com a possível precisão e objetividade. A redação de um trabalho de pesquisa deve ser sóbrio, evitando-se adornos e efeitos retóricos. As frases devem ser simples e, por conseguinte, os parágrafos são construídos com simplicidade.²²

É preciso lembrar que não se escreve um trabalho científico para si mesmo, mas para os outros. Portanto, a comunicabilidade da pesquisa é fator importante.

A redação de um trabalho científico deve observar questões semânticas e gramaticais, além do estilo.²³ O texto deverá ter uma forma lógica,²⁴ com introdução, desenvolvimento e

²¹ HENRIQUES, Antonio; MEDEIROS, João Bosco. *Monografia no curso de Direito – trabalho de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas, 1999, p. 75.

²² SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica*. 6ª. ed., Porto Alegre: Sulina, 1977, p. 196.

²³ VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. (trad. De Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães). 5ª. ed., Porto Alegre: Globo, 1979, p. 174-83.

²⁴ RIZZATO NUNES, Luiz Antonio. *Manual da monografia jurídica – como se faz: uma monografia, uma dissertação, uma tese*. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 79.

conclusão, contendo as comprovações ou negações das teses apresentadas.

Um texto científico deve ter coesão e coerência. Um texto não é um aglomerado aleatório de palavras, no qual as frases estão soltas e desconectadas, ao léu, mas sim articuladas e entrelaçadas.²⁵ Deve haver também a intertextualidade, quer dizer, os diversos textos utilizados na pesquisa devem dialogar entre si, relacionando-se uns com os outros.

Em suma, vários elementos fazem parte da arquitetura da redação,²⁶ que deve ser dirigida para a percepção da realidade, por parte do leitor.

7 A INTER, A MULTI E A TRANSDISCIPLINARIDADE

Em nossos tempos, torna-se cada vez mais importante realizar pesquisas inter e transdisciplinares, em virtude das conexões que existem entre os diferentes ramos do saber. Vejamos o que tais conceitos significam:

Para Maury Rodrigues da Cruz, a *transdisciplinaridade*, “como o prefixo trans indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. É diferente da *pluridisciplinaridade* (ou *multidisciplinaridade*), que diz respeito ao estudo de um objeto, de uma questão, problema ou situação por várias disciplinas, ao mesmo tempo (...). É diferente da *interdisciplinaridade*, que diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. A *interdisciplinaridade* ultrapassa as disciplinas, mas a sua finalidade permanece inscrita na pesquisa disciplinar. (...). *Transdisciplinaridade* é a complexidade na transversalidade de

²⁵ HENRIQUES *et al*, *op. cit.*, p. 125 *et passim*.

²⁶ MIRANDA, José Fernando. *Arquitetura da redação*. 5ª. ed., São Paulo: DISCUBRA, 1997.

tudo aquilo que se alcança”.²⁷

Para Basarab Nicolescu, “a necessidade indispensável de laços entre as diferentes disciplinas traduziu-se pelo surgimento, na metade do século XX, da *pluridisciplinaridade* e da *interdisciplinaridade*. A *pluridisciplinaridade* diz respeito ao estudo de um objeto de uma única e mesma disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo (...). A *interdisciplinaridade* tem uma ambição diferente daquela da *pluridisciplinaridade*. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina à outra (...). Podemos distinguir três graus de *interdisciplinaridade*: a) um grau de aplicação (...) b) um grau epistemológico (...) c) um grau de geração de novas disciplinas”.²⁸

Tencionamos fixar-nos no grau epistemológico da transdisciplinaridade, que diz respeito à verdade; e também no grau de geração de novas disciplinas (que entendemos estar intrinsecamente relacionado ao grau epistemológico), que se faz pela transversalidade do conhecimento, ou seja, por meio de novos cortes na demarcação tradicional do saber em disciplinas, fazendo surgir, assim, novas áreas, novos campos do entendimento e, por conseguinte, uma nova compreensão da realidade, em uma visão da sua complexidade, que se dá não apenas por meio dos laços e dos nexos entre os saberes, mas também pelo surgimento de novas dimensões, novas perspectivas e novos ramos desses mesmos saberes.²⁹

A interdisciplinaridade diz respeito, em última análise, ao uso dos conceitos. Os conceitos são construções lógicas, que adquirem significado dentro do esquema de pensamento no qual são colocados.³⁰ Um conceito tem significado na medida

²⁷ CRUZ, Maury Rodrigues da. *Espiritismo, complexidade e hipercomplexidade – uma nova interpretação*. Curitiba: Eslética Editora / SBEE, 2011, p. 254-5.

²⁸ NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. (Trad. De Lúcia Pereira de Souza). São Paulo: Triom, 1999, p. 44-5.

²⁹ CARNEIRO, Maria Francisca. *Pesquisa jurídica na complexidade e transdisciplinaridade – temas transversais, interfaces, glossário*. 3ª. Ed., Curitiba: Juruá, 2013.

³⁰ MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos – uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 17 *et passim*.

em que ele retrata ou se refere à realidade e aos seus fenômenos. Cada ciência usa seus próprios conceitos para a comunicação dos seus conhecimentos e a interdisciplinaridade os perpassa e os une, formando novas sínteses e promovendo novos ângulos de visão.

8 CONTRA OU A FAVOR DO MÉTODO?

Uma das questões que poderia ser analisada até mesmo sob a ótica da Sociologia do Conhecimento, que entre outros aspectos, estuda a constatação entre a vinculação do pensamento com as condições gerais existenciais,³¹ é a resistência apresentada por alguns estudantes e pesquisadores à Metodologia Científica e ao emprego das normas técnicas nos trabalhos acadêmicos. Com efeito, a historicidade do conhecimento, as articulações entre as bases existenciais e o pensamento são alguns dos eixos que compõem o sentido da Sociologia do Conhecimento³² e a resistência acima apontada bem poderia ser tratada sob esse viés, pois é suficientemente freqüente, clara e se expressa verbalmente por alguns estudantes de graduação e mesmo de graduação, que gostariam de se ver libertos das normas técnicas, que para eles soam como “grilhões” a impedir-lhes a liberdade e a soltura da escrita. Ledo engano.

Porém, até mesmo grandes cientistas e teóricos de nomeada, como Paul Feyerabend, na sua famosa obra intitulada *Contra o Método*, também considera que as normas técnicas não são a garantia de um resultado eficiente para a pesquisa científica. Nesse livro, Feyerabend³³ considera vários aspectos, alguns dos quais transcrevemos a seguir, para o debate:

³¹ BERTELLI, Antonio R.; PALMEIRA, Moacir G. S.; VELHO, Otávio Guilherme (Org). *Sociologia do conhecimento*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992, p. 7.

³² *Idem, ibidem*, p. 11.

³³ FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. (Trad. de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, p. 9-15.

- “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei;

- Isso é demonstrado seja pelo exame de episódios históricos, seja pela análise da relação entre idéia e ação. O único princípio que não inibe o progresso é: *tudo vale*;

- Cabe, por exemplo, recorrer a hipóteses que contradizem teorias confirmadas e/ou resultados experimentais bem estabelecidos. É possível fazer avançar a ciência, procedendo contra-indutivamente;

- A condição de coerência, por força da qual se exige que as hipóteses novas se ajustem a teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses que contradizem teorias bem assentadas proporcionam-nos evidência impossível de obter por outra forma. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade lhe debilita o poder crítico. A uniformidade, além disso, ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo”³⁴;

- etc.

Concordamos com o que afirma Feyerabend e compreendemos o ponto de vista dos pesquisadores que, especialmente os mais jovens, nem sempre querem submeter-se ao cumprimento das normas da Metodologia Científica.

No entanto, nosso parecer é que se inicie a atividade de pesquisador primeiro atendendo as referidas normas, para aprendê-las e dominá-las, para só depois então criticá-las, com fundamento e experiência. Não faz sentido criticar e refutar o que ainda não se conhece e sequer se experimentou.

Além disso, as normas da Metodologia Científica têm como objetivo servir como um guia seguro para o iniciante na pesquisa – e mesmo para o veterano – evitando assim desvios de rota e surpresas desagradáveis do desenvolvimento da inves-

³⁴ *Idem, ibidem.*

tigação, com prejuízo para a sua coerência e razoabilidade.³⁵

É sempre oportuno lembrar Descartes, que preconizava a importância das regras, do método e da dúvida, para se chegar à verdade. Descartes toma a precaução de esclarecer que a sua dúvida é metodológica e não cética. Os céticos só duvidam por duvidar, enquanto que os metodólogos duvidam para chegar a um resultado verdadeiro, em suas investigações científicas.³⁶

Está aberta a discussão aos interessados.



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papyrus, 2006.
- ÁVILA, Vicente Fidelis de. *A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da universidade – ensaio de curso para estudantes, professores e outros profissionais*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1995.
- BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. *Introdução à metodologia científica*. 8ª, Ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- BARROS, Aidil de Jesus; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1991.
- BERTELLI, Antonio R.; PALMEIRA, Moacir G. S.; VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *Sociologia do conhecimento*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992.
- CARNEIRO, Maria Francisca. *Pesquisa jurídica na complexi-*

³⁵ CARNEIRO, Maria Francisca. *Pesquisa jurídica – metodologia da aprendizagem – aspectos, questões, aproximações*. 7ª. ed., Curitiba: Juruá, 2013.

³⁶ DESCARTES, René. *Discurso do método*. (Trad. De Elza Moreira Marcelina), Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 53.

- dade e transdisciplinaridade* – temas transversais, interfaces, glossário. 3ª. Ed., Curitiba: Juruá, 2013.
- CARNEIRO, Maria Francisca. *Pesquisa jurídica – metodologia da aprendizagem – aspectos, questões, aproximações*. 7ª. ed., Curitiba: Juruá, 2013.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica* – para uso dos estudantes universitários. 3ª. ed., São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- COHEN, Morris; NAGEL, Ernst. *Introducción a La lógica y al método científico*. (Trad. De Néstor Míguez). 4ª. Ed., Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977.
- CONTANDRIOPOULOS, André-Pierre; CHAMPAGNE, François; POTVIN, Louise *et al.* *Saber preparar uma pesquisa* – definição, estrutura, financiamento. (Trad. De Sílvia Ribeiro de Souza), São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Hucitec / Abrasco, 1994.
- CRUZ, Maury Rodrigues da. *Espiritismo, complexidade e hipercomplexidade* – uma nova interpretação. Curitiba: Es-lética Editora / SBEE, 2011.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. (Trad. De Elza Moreira Marcelina), Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. (Trad. de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* – em três artigos que se completam. 35ª. ed., São Paulo: Cortez, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª. Ed., São Paulo: Atlas, 1996.
- HENRIQUES, Antonio; MEDEIROS, João Bosco. *Monografia no curso de Direito* – trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1999.
- HERRERA, Enrique. *Práctica metodológica de la investigación jurídica*. Buenos Aires: Editorial Astrea, 1998.

- LEITE, Eduardo de Oliveira. *A monografia jurídica*. 5ª. Ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.
- MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos – uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MIRANDA, José Fernando. *Arquitetura da redação*. 5ª. ed., São Paulo: DISCUBRA, 1997.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. (Trad. De Lúcia Pereira de Souza). São Paulo: Triom, 1999.
- RIZZATO NUNES, Luiz Antonio. *Manual da monografia jurídica – como se faz: uma monografia, uma dissertação, uma tese*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica – guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1982.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 12ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 1978.
- SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica*. 6ª. ed., Porto Alegre: Sulina, 1977.
- VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. (trad. De Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães). 5ª. ed., Porto Alegre: Globo, 1979.

ANEXO

CAPES Universidade Aberta do Brasil

Bolsas

Professor-pesquisador

O Professor-pesquisador é um professor ou pesquisador designado ou indicado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB, que atua nas atividades típicas de ensino, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos e programas implantados por sua instituição no âmbito do Sistema UAB.

São atribuições do Professor-pesquisador:

- Elaborar e entregar os conteúdos dos módulos desenvolvidos ao longo do curso no prazo determinado;
- Adequar conteúdos, materiais didáticos, mídias e bibliografia utilizados para o desenvolvimento do curso à linguagem da modalidade a distância;
- Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância;
- Adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, o material didático nas diversas mídias;
- Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na instituição de ensino;
- Desenvolver as atividades docentes da disciplina em oferta na modalidade a distância mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no projeto acadêmico do curso;
- Coordenar as atividades acadêmicas dos tutores atuantes em disciplinas ou conteúdos sob sua coordenação;
- Desenvolver as atividades docentes na capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação;
- Desenvolver o sistema de avaliação de alunos, mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de curso;
- Apresentar ao coordenador de curso, ao final da disciplina ofertada, relatório do desempenho dos estudantes e do desenvolvimento da disciplina;
- Participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia e materiais didáticos para a modalidade a distância;
- Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância;

- Participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso;
- Desenvolver, em colaboração com o coordenador de curso, a metodologia de avaliação do aluno;
- Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância;
- Elaborar relatórios semestrais sobre as atividades de ensino no âmbito de suas atribuições, para encaminhamento à DED/CAPES/MEC, ou quando solicitado.

Bolsa para Professor-pesquisador:

O Professor-pesquisador que comprova experiência de três anos no magistério superior enquadra-se na categoria Professor-pesquisador I, fazendo jus a bolsa mensal no valor de R\$ 1.200,00 (um mil e duzentos reais).

Aquele que não comprova essa experiência, mas tem formação mínima em nível superior e experiência de um ano no magistério superior ou vinculação a programa de pós-graduação de mestrado ou doutorado enquadra-se na categoria Professor-pesquisador II, fazendo jus a bolsa mensal no valor de R\$ 900,00 (novecentos reais)

Contatos

uab@capes.gov.br

Fone:0800 616161

Endereço

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes Diretoria de Educação a Distância Universidade Aberta do Brasil Setor Bancário Norte, Quadra 2, Bloco L, Lote 06, 7º andar - Brasília - DF - CEP 70040-020

Fonte: <http://uab.capes.gov.br> . Acesso em 09.02.2013.